

Páginas de transtornos

Maura Lopes Cançado volta à tona com texto incômodo e sofisticado sobre a loucura

Por **Carolina Moraes** (Folhapress)

Maura Lopes Cançado não se achava uma criança normal. “Encaravam-me como uma menina caprichosa, mas a verdade é que já era uma candidata aos hospícios onde vim parar”, ela escreve em “Hospício É Deus”, de 1965. O livro é um misto de memórias de sua vida e diário de uma de suas internações num hospital psiquiátrico. Desde jovem, ela sofreu com transtornos mentais - e a obra é, em parte, um mergulho nesse aspecto de sua trajetória.

O redescobrimto recente da autora, que tem sua obra relançada em maior escala pela Companhia das Letras, traz à tona sobretudo a sofisticação de sua escrita, dimensão que passou décadas eclipsada por sua biografia. “Não dá para falar da Maura sem falar em loucura, mas também não dá para reduzi-la a esse lugar”, diz Alice Sant’Anna, editora responsável pelo projeto. “O texto é muito bem trabalhado e sofisticado, de uma sinceridade desconcertante.”

Grandes nomes da imprensa e da literatura brasileira já notavam a qualidade de sua obra nos anos 1960. Lopes Cançado veio de uma família abastada de Minas Gerais, e as marcas de sua erudição estão presentes no diário. Enquanto escrevia o relato do hospício, lia Sigmund Freud, Hermann Hesse, explorava a literatura indiana. Não era uma escritora desavisada.

Ela se casou jovem, teve uma relação turbulenta, se mudou de São Gonçalo do Abaeté para Belo Horizonte, mas acabou se fixando de vez no Rio, onde conheceu a equipe do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. Por seus textos, ela foi admirada por nomes como Ferreira Gullar e Carlos Heitor Cony, que a revelaram literariamente em 1958.

Mas a vida da autora tomou um rumo mais dramático em uma das internações. Ela estrangulou uma mulher em 1972 numa clínica de saúde em Botafogo e, depois, foi considerada inimputável por um juiz.

Os posfícios da nova edição, feitos pela escritora Natália Timerman e pelo jornalista Maurício Meireles, esquadrinham a trajetória da autora e mostram que sua vida foi repleta



Lançado há 60 anos, ‘Hospício é Deus’, de Maura Lopes Cançado, é um misto de memórias de sua vida e diário de uma de suas internações num hospital psiquiátrico

de mistérios.

Depois de sua morte, em 1993, o rumo da obra parecia o esquecimento. Mas em 2015 a editora Autêntica relançou “Hospício É Deus” e “O Sofredor do Ver”, seu livro de contos de 1968, e começou a apresentar a autora a uma geração que não a conhecia. “O Sofredor do Ver” também será lançado pela Companhia das Letras.

A nova publicação de “Hospício É Deus”

chega num momento oportuno. Autoficção é um gênero cada vez mais presente nas prateleiras, e saúde mental é um tema que não sai da agenda contemporânea, sobretudo após a pandemia. É um livro que dialoga com nosso tempo, mas o texto de Lopes Cançado se distingue pela escrita cortante e pelo retrato cruel que apresenta. A autora reflete com lucidez aterrorizante sobre a condição do louco na sociedade e sobre como as fronteiras entre

sanidade e loucura podem ser borradas facilmente.

O relato literário de sua vida é a trajetória de uma mulher vaidosa, buscando realizar desejos ainda sem contorno. Não há, no entanto, espaço para autopiedade. Os maus-tratos dos funcionários, os quartos e roupas sujas, a comida ensebada, o afastamento de colegas de trabalho durante os surtos - tudo faz parte do universo vertiginoso que a autora cria.

“Como ela não está numa ruptura total com a realidade, consegue trazer a situação do manicômio e da instituição psiquiátrica com um discurso próprio”, diz a escritora Deborah Brum, que estudou a obra de Lopes Cançado, sobretudo o livro “O Sofredor do Ver”. “Durante muito tempo se romantizou, e se romantiza ainda, a loucura. Mas ela não é isso, e acho que é esse aspecto que a Maura traz.”

Para Brum, Lopes Cançado é habilidosa em criar imagens e sensações enraizados neste universo. É uma condição que causa incômodo, ainda que, segundo Sant’Anna, a autora sempre dê uma piscadela bem-humorada para os seus leitores. Uma das mais divertidas é quando ela descreve suas sessões de análise. “Em relação ao sexo a coisa é um desastre: lápis, caneta, dedo, nariz são símbolos fálicos. É irritante: tenho o inocente hábito de estar sempre com um dedo ou lápis na boca.”

O que mais incomodava Maria Amélia Mello, editora responsável pelo relançamento de Lopes Cançado na Autêntica, era que ela só fosse lembrada por seus aspectos negativos. Para Mello, isso mudou de 2015 para cá. Em 2018, “Hospício É Deus” foi tema de uma peça de teatro e, em 2020, inspiração para um novo romance. Sua obra também é, desde então, mais estudada na academia. “Quando você coloca luz em algo, ela sai dessas cavernas onde a obra fica escondida e ninguém sabe direito o que é”, afirma. “Tudo isso vai trazendo a Maura pelo aspecto da literatura, da autoficção, da palavra.”

O esquecimento parece ter sido uma fase passageira de Lopes Cançado. A própria escritora profetizava esse destino em “Hospício É Deus”. “O que me assombra na loucura é a distância -os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco e antigo possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura”, ela escreveu. “O louco é divino, na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. E eterno.”

Divulgação